

Arabismo e traduções árabes em meios luso-moçárabes (Breves apontamentos)*

Adel SIDARUS
IICT, Lisboa – Universidade de Évora

Resumen: Con la intención de paliar el desconocimiento generalizado, tanto interno como externo, relativo a la actividad intelectual de los mozárabes del actual territorio portugués, proporcionamos una serie de muestras de su relativa erudición arabística, con especial atención a las traducciones árabo-latinas, que han merecido la atención de algunos medievalistas o arabistas extranjeros. Aprovechamos la oportunidad para ofrecer una relación exhaustiva de medio centenar de títulos publicados en los últimos veinticinco años sobre el mozarabismo portugués.

Abstract: My aim in this article is to minimize the widespread lack of knowledge, both internal and external, concerned with the intellectual activity of the Mozarabs in present-day Portugal. With this in mind, I give a series of samples about their relative Arabic scholarship, special attention being paid to Arabic-Latin translations, that have deserved some interest among foreign Mediaevalists and Arabists. We also take advantage of this article in order to offer a comprehensive account of some fifty studies on Portuguese Mozarabism that have been published in the last twenty five years.

Palabras Clave: Mozárabes. Traducciones árabo-latinas. Portugal.

Key Words: Mozarabs. Arab-Latin translations. Portugal.



Tem surgido ultimamente uma panóplia de estudos nacionais respeitantes aos “moçárabes” do território hoje português,¹ sem

* Aproz-me agradecer publicamente os apoios variados que recebi por parte de: José Francisco MEIRINHOS (Porto), Juan Pedro MONFERRER (Córdova), Aires de NASCIMENTO (Lisboa), Maria Luísa AZEVEDO (Coimbra), Luis Miguel PÉREZ CAÑADA (Toledo), Maria Filomena BARROS (Évora), Paulo Almeida FERNANDES (Lisboa).

¹ Ver o *Anexo* bibliográfico.

contudo a visibilidade suficiente para uma projecção fora do país.² Foi assim que num colóquio internacional realizado em Madrid há pouco mais de um ano,³ os investigadores lusos tenham sido preteridos, não fosse uma retractação de última hora, na sequência de uma chamada de atenção transmitida a um dos organizadores. Para obviar àquele lapso, combinou-se que enviaríamos uma breve nota a ser eventualmente lida por um colega francês, que convidáramos, havia uns anos, a orientar a sua investigação para essa vertente da história luso-andaluza, devendo precisamente apresentar nesse simpósio mais umas achegas resultantes da sua pesquisa.⁴

É o conteúdo desta nota singela, revista e aprofundada minimamente, que pretendemos proporcionar aos leitores da presente revista, contando com a sua indulgência, pois que os nossos presentes compromissos não nos permitem aprofundar mais as diferentes questões. Sabemos que o melhor é inimigo do bem, pelo que julgamos conveniente divulgar como tais esses apontamentos despretensiosos, na esperança de que outros colegas levem por diante o projecto que acalentávamos há algum tempo. Até porque uma consulta rápida da bibliografia “moçarabista” anexa mostra a ausência de títulos relacionados com a dimensão literária aqui tratada. Evidentemente, por mera conveniência, usamos o termo “moçárabe” no sentido lato de cristãos peninsulares arabizados ou com capacidades linguísticas correspondentes, chegando até ao século XIV.

Mas antes de passar aos três tradutores que conseguimos identificar como representantes do legado luso de traduções árabo-latinas medievais, alinhemos de modo lapidar alguns testemunhos da erudição arabística existente em meios cristãos ou moçárabes portugueses:

- D. Paterno, bispo de Coimbra entre 1080 e 1090, tinha ocupado vários cargos eclesiásticos e diplomáticos (!) em territórios

² Tentámos contrariar essa tendência contribuindo regularmente, a partir de 1994 (nº 6), na qualidade de *corresponsal* da revista *Aljamia*, editada pelos colegas da Universidade de Oviedo.

³ Casa de Velázquez, Madrid, Junho de 2003: “¿Existe una identidad mozárabe? Historia, lengua y cultura de los cristianos de al-Andalus (ss. IX-XII)”.

⁴ Trata-se do colega Jean-Pierre MOLÉNAT (C.N.R.S./I.R.H.T., Paris), “cientista convidado”, alguns meses ao longo de 1998, no CIDEHUS-UE (Centro de Investigação e Desenvolvimento em Ciências Humanas e Sociais – agora C. Interdisciplinar de História, Sociedades e Culturas – da Universidade de Évora), mercê de uma bolsa de investigação da Fundação para a Ciência e a Tecnologia, Ministério da Ciência e Tecnologia (ver o *Anexo* bibliográfico, anos 2000 e segs.).

andaluzes antes de aceitar este último, cedendo ao repetido convite do conhecido governador moçárabe Sisnando Davidiz. Doou à Sé, em 1087, um lote de livros que incluía um “*liber canonicum arabice scriptum et alios Spalenses*”. Tudo indica que esse *liber* é a versão árabe da *Collectio Consiliorum*, de que um exemplar se encontra na Biblioteca de El Escorial (nº 1623), assim como um fragmento de quatro páginas de fólhos em pergaminho, recuperados da encadernação de um códice da antiga Livraria de Santa Cruz – quiçá tirados do próprio *codex* de D. Paterno.⁵

- São Teotónio, o primeiro prior do **mosteiro de Santa Cruz** de Coimbra, fundado no tempo de D. Afonso Henriques (1130/31), defendia os cativos moçárabes e teria livros árabes na sua biblioteca. De resto, praticando-se ali, muito cedo, medicina e farmacologia, é de supor a existência aí de material de estudo de origem árabe: alguns autores até pretendem que foi ali que Gil de Santarém teria iniciado as suas traduções médico-farmacológicas árabes (*v. infra*). Observa-se também que em vários escritos saídos deste mosteiro, onde se elaborava a ideologia dos primórdios do reino português, encontramos palavras ou expressões árabes acompanhadas de explicações linguísticas.⁶

- Santo António de Lisboa/Pádua, aliás Fernando Martins (m. 1231), é geralmente tido como oriundo de uma família moçárabe.

⁵ IPAN/TT, Sé de Coimbra, 2ª Incorporação, maço 45, nº 1806; ver M.-Th. URVOY, “Note de philologie mozarabe”, *Arabica* 26 (1989), pp. 235-236; P.Sj. VAN KONINGSVELD, “Christian-Arabic Manuscripts from the Iberian Peninsula and North Africa”, *Al-Qanṭara* 15 (1994), pp. 442-443. Segundo este autor, teríamos no documento em causa (que refere aquela doação ao noticiar o falecimento do prelado) a mais antiga referência a um manuscrito árabe cristão ibérico! O próprio documento de doação existe; ver a sua reprodução por A.J. COSTA, em *Boletim da Biblioteca da Universidade de Coimbra* 38 (1983), pp. 17 e 54 (cit. por José Francisco MEIRINHOS, “Ecos da renovação filosófica do século XII em Portugal no tempo de Afonso Henriques”, in *2º Congresso Histórico de Guimarães (D. Afonso Henriques e a sua época)*. Actas [Guimarães, 1996], IV, p. 164). Ao contrário dos que interpretam “*et alios Spalenses*” (*sic* no acusativo!) como mais obras de Isidoro de Sevilha (cujas *Etimologias*, são referidas antes), Meirinhos sugere que se poderia antes tratar de “outras obras escritas em árabe” – acrescentaríamos: “ou por moçárabes (em árabe ou não)”.

⁶ António CRUZ, *Santa Cruz de Coimbra na cultura portuguesa da Idade Média*, 2 vols. (Porto, 1963-1964); Armando Alberto MARTINS, *O Mosteiro de Santa Cruz de Coimbra na Idade Média* (Lisboa, 2003); Aires A. do NASCIMENTO (ed.), *Hagiografia de Santa Cruz de Coimbra* (Lisboa, 1998); Armando de Sousa PEREIRA, *Representações da guerra no Portugal da Reconquista – Séculos XI-XIII* (Lisboa, 2003).

Cónego regrante de Santo Agostinho em Lisboa, tendo passado por Santa Cruz de Coimbra, fez-se franciscano em 1220, aparentemente na senda da chegada das relíquias dos Cinco Mártires de Marrocos, os primeiros missionários franciscanos em terras muçulmanas. Poderá ser por causa do seu conhecimento do árabe que participou logo de seguida na segunda missão, cuja embarcação contudo veio parar às costas da Sicília, tendo o nosso missionário luso ficado pela Península itálica até à sua morte.⁷

- Pedro Hispano (Portugalense), *magister artium*, médico e filósofo, é tradicionalmente identificado com Pedro Julião de Lisboa, o futuro Papa João XXI (1276-1277), embora essa identificação tenha sido recentemente posta em causa.⁸ Foi antes deão em Lisboa, arcebispo em Braga e prior em Guimarães, antes de ser eleito Arcebispo de Braga, pouco antes de, segundo diversos autores, ser chamado à cúria papal para médico do seu antecessor na cátedra pontificia. A sua produção científica reflecte claramente o legado greco-árabe. Em que medida não teria levado com ele de Portugal, à semelhança do seu conterrâneo e contemporâneo Gil de Santarém (v. *infra*), uma predisposição ou preparação arabística que lhe permitiu brilhar nos meios académicos europeus?⁹ Não é de subestimar o facto de ter apoiado com uma bula a famosa Escola de árabe de Miramar fundada por Raimundo Lulo.

- Caso análogo poderia representar João Hispano, bispo de Lisboa entre 1239 e 1241. Em 1224, era médico do papa Honório III (m. 1227)¹⁰

⁷ Francisco da Gama CAEIRO, *Santo António de Lisboa*, 2 vols. (Lisboa, ¹1967; ²1995).

⁸ José Francisco MEIRINHOS, “Pedro Hispano Portugalense? Elementos para uma diferenciação de autores”, *Revista Española de Filosofía Medieval* 3 (1996), pp. 51-76 (cf. do mesmo autor, “Ecos da renovação filosófica do século XII em Portugal no tempo de Afonso Henriques. A cultura que vem da Europa e o legado árabe”, in *2º Congresso Histórico de Guimarães (D. Afonso Henriques e a sua época)*. *Actas* [Guimarães, 1996], IV, p. 163); J.F. MEIRINHOS, “P.H. e as *Sumulae logicales*”, in Pedro CALFATE (dir.), *História do pensamento filosófico* (Lisboa, ¹1999; ²2002), I, pp. 331-375 (espec. pp. 361ss.); J.F. MEIRINHOS, “Giovanni XXI”, in *Enciclopedia dei papi* (Roma, 2000), II, pp. 427b-437a. O autor frisa a existência de mais que um P.H. na época em apreço (acrescentamos: à semelhança do que se passa com o nome de João Hispano, v. *infra*). V. tb. Ángel D’ORS, “Petrus Hispanus O.P., auctor *Summularum*”, *Vivarium* 35 (1997), pp. 21-71.

⁹ De acordo com Meirinhos, não haveria indícios para supor tal coisa.

¹⁰ Cf. M. ALONSO ALONSO, “Notas sobre los traductores toledanos Domingo Gundisalvo e Juan Hispano”, *Al-Andalus* 8 (1943), p. 168, n. 2, § 4.

- Por volta de 1300, por ordem do D. Dinis, é traduzida para português, a célebre *Crónica do Mouro Razi*, levada a efeito pelo clérigo cristão Gil Peres, capelão de D. Pedro Eanes de Portel, em junção com o *alarife* muçulmano Mafamede, tendo esta versão conhecido um destino excepcional na historiografia ibérica posterior.¹¹

- Ao contrário do que se chegou a pensar, não deve ser obra de autor português a apologia chamada *Livro da Corte Enperial*, datável do século XIV e que revela bons conhecimentos dos textos religiosos árabes e hebraicos. Trata-se muito provavelmente de uma mera tradução de um tratado catalão dos princípios desse mesmo século.¹²

* * *

João de Sevilha e de Lima (m. 1157 ?)

Iohannes Hispalensis et Lim(i)ensis é um importante tradutor de filosofia e ciências árabes, cuja ligação a Portugal tem sido recentemente sugeridas por Charles Burnett.¹³ Terá nascido, ou passado longo tempo, em Sevilha, talvez até como bispo (moçárabe), antes de ir residir em Lim(i)a (hoje Ponte de Lima?), no Norte de Portugal, quiçá na senda de perseguições almorávidas. Ali terão sido levadas a cabo algumas de entre a dezena de traduções de obras árabes que lhe são atribuídas. Entre elas, uma versão de parte substancial da célebre compilação de ciências naturais pseudo-aristotélica *Secretum*

¹¹ Bibliografia recente: J. Chorão LAVAJO, “A *Crónica do Mouro Rasis* e a historiografia portuguesa medieval”, in *Estudos Orientais II: O Legado cultural de Judeus e Mouros*, pp. 127-154 (Lisboa, 1991); António Botas REI, *Memória de espaços e Espaços de memória: de al-Rāzī a D. Pedro de Barcelos* (Lisboa, 2002 – Tese de Mestrado, FCSH/UNL).

¹² A. SIDARUS, “Le *Livro da Corte Enperial* entre l’apologétique lullienne et l’expansion catalano-aragonnais du XIVe siècle”, in H. OTERO SANTIAGO (ed.), *Diálogo filosófico-religioso entre cristianismo, judaísmo e islamismo durante la Edad Media en la Península Ibérica* (Turnhout, 1994), pp. 131-172. Ver agora a edição “interpretativa” de Adelino de Almeida CALADO, *Corte Enperial* (Aveiro, 2000).

¹³ Charles BURNETT, “Magister Iohannes Hispalensis et Limiensis and Qusta ibn Luqa’s *De differentia spiritus et animae*: A Portuguese Contribution to the Arts Curriculum?”, *Mediaevalia* 7/8 (1995), pp. 221-267; IDEM, “John of Seville and John of Spain: A *mise au point*”, *Bulletin de Philosophie Médiévale* 44 (2002), pp. 59-78. A proposta do investigador inglês (The Warburg Institute, London) é reforçada por argumentos de J.F. MEIRINHOS, “Ecos da renovação filosófica do século XII em Portugal no tempo de Afonso Henriques”, in *2º Congresso Histórico de Guimarães...*, IV, pp. 165-169.

Secretorum,¹⁴ dedicada muito provavelmente à própria D. Teresa, mãe de D. Afonso Henriques, a qual teria patrocinado parte da sua produção e mantido com ele alguns colóquios científicos. Outra obra importante é o tratado *De differentia spiritus et animae* de Qusṭā ibn Lūqā¹⁵ – tradução latina que teve um papel significativo no ensino universitário da época.¹⁶

Não se deveria confundir a nossa personagem com o astrónomo e tradutor João de Sevilha (*alias* Hispano), do mesmo século e meio “moçárabe”, nem com João Avendauth (*alias* Hispano, certamente o filósofo de origem judia Abraão Ibn Dāwūd). Em sentido contrário, deve ser o “Iohannes Lunensis” (João de Luna) referido em certos manuscritos e fontes medievais, devido a uma má leitura ou grafia de “Lum(i)ensis”.¹⁷

¹⁴ Sobre este importante texto medieval em geral, ver W.F. RYAN – C.B. SCHMITT (eds.), *Pseudo-Aristotle, The Secret of Secrets: Sources and Influences* (London, 1983); S.J. WILLIAMS, *The Secret of Secrets: The Scholarly Career of a Pseudo-Aristotelian Text in the Latin M. A.* (Ann Arbor, 2003); Hugo O. BIZZARRI, “Difusión y abandono del *Secretum Secretorum* en la tradición sapiencial castellana de los siglos XIII y XIV”, *Archives d'histoire doctrinale et littéraire du Moyen Âge* 63 (1996), pp. 95-137. Sobre a nossa versão em particular, conhecida por versão “breve” ou “ocidental”, cf. *ibidem*, p. 31-59 (de acordo com Ch. BURNETT, “John of Seville and John of Spain...”, *Bulletin de Philosophie Médiévale* 44 [2002], n. 2). A sua tradução para o castelhano foi editada por Lloyd A. KASTEN: PSEUDO-ARISTÓTELES, *Poridat de las poridades* (Madrid, 1957). A versão portuguesa de quatrocentos, atribuída erradamente ao Infante D. Henrique, representa a versão latina completa, dita “longa” ou “oriental” (séc. XIII): PSEUDO-ARISTÓTELES, *Segredo dos segredos. Tradução portuguesa segundo um manuscrito inédito do séc. XV*. Introd. de A. Moreira de Sá (Lisboa, 1960).

¹⁵ É o Constabulinus dos latinos, cristão sírio-melquita (ca. 820-912), natural de Baalbek (Líbano), médico, filósofo e tradutor do grego (ca. 820-912). Ver, entre outros, Hans DAIBER, *Aetius Arabus* (Wiesbaden, 1980).

¹⁶ Mais informações sobre este texto e suas edições in Ch. BURNETT, “Magister Iohannes Hispanensis et Limiensis and Qusṭā ibn Lūqā’s *De differentia spiritus et animae*...”, *Mediaevalia* 7/8 (1995), pp. 221-267.

¹⁷ Sobre todo o dossier da confusão/destrinça desses homónimos tradutores hispano-medievais, além dos já citados trabalhos de Burnett, ver os de M. ALONSO ALONSO em *Al-Andalus* 8 (1943), pp. 154-188; 17 (1952), pp. 129-151; 18 (1953), pp. 18-49; com os dados suplementares de: J.F. RIVERO RECÍO em *Al-Andalus* 31 (1966), pp. 267-280; M.-Th. D’ALVERNŸ, “Avendauth?”, in *Homenage a Millás-Vallierosa* (Barcelona, 1954), I, pp. 19-43; Ch. BURNETT, “Magister Iohannes Hispanus: Towards the Identity of a Toledan Translator”, in *Comprendre et maîtriser la nature au Moyen Âge. Mélanges d'histoire des sciences offerts à Guy Beaujouan* (Genève, 1994), pp. 425-436. – Mais literatura complementar a que não tive acesso: José S. GIL, *La Escuela de traductores de Toledo y sus colaboradores judíos* (Toledo, 1985); Serafin VEGAS GONZÁLEZ, *La E.T.T. en la historia del pensamiento* (Toledo,

São Frei Gil de Santarém (m. 1264/65)

Esses dados novos revestem-se de grande significado, porque sempre se interrogava sobre a curiosa figura desse frade dominicano, de clara estirpe moçárabe e, segundo alguns, da descendência do já referido Sisnando Davidiz.¹⁸ De facto, parecia difícil explicar este caso isolado de médico luso, tradutor e compilador de obras medicinais e farmacológicas árabes. Esta última faceta sequer tinha sido devidamente assinalada, tanto por causa das dimensões polémicas ou heterodoxas da misteriosa personagem, que chegou afinal a integrar o santoral católico romano, como pelo anonimato das edições de obras da sua autoria – já para não mencionar a falta de especialistas portugueses em ciências árabes que pudessem valorizar esse legado.

O *De secretis in medicina*, intitulado também *Aforismi Rasis* e que conheceu cerca de oito edições europeias (excluindo Portugal e Espanha!), entre finais do século XV, nos primórdios da imprensa (!), e meados do século imediato, traduz um tratado do muito celebrado médico e filósofo árabo-persa Abū Bakr al-Rāzī (o Rhazes dos latinos, 850-925?).¹⁹ O tratado, com cinco ou seis capítulos ou livros de acordo com os diferentes manuscritos ou edições, acaba com os *Secreta Hippocratis* e os *Aforismi Mesue* – trata-se aqui do grande médico cristão nestoriano de Bagdade, Yūḥannā ibn Māsawayh (777-857).²⁰ Inédita se encontra a sua compilação de ciências naturais árabes, escrita em latim e vertida em português no século XV.²¹

1998); M.-Th. D'ALVERNY, "Translations and Translators", in R.L. BENSON *et al.* (eds.), *Renaissance and Renewal in the Twelfth Century* (Cambridge, Mass., 1982), pp. 421-462; R. LEMAY, "Dans l'Espagne du XIIe siècle: les traductions de l'arabe au latin", *Annales - Économie, Société, Civilisation* 18 (1963), pp. 639-665; R. LEMAY, "De la scolastique à l'histoire par le truchement de la philologie: itinéraire d'un médiéviste entre Europe et Islam", in Academia delle Lincei (ed.), *La diffusione delle scienze islamiche nel medio evo europeo* (Roma, 1987), pp. 399-535; C. SANCHEZ ALBORNOZ, "Observaciones a unas páginas de Lemay sobre los traductores toledanos", *Cuadernos de Historia de España* 41 (1965), pp. 5-135.

¹⁸ Ver as recentes sínteses e novidades em *Colóquio comemorativo de S. Frei G.d.S.* (Lisboa, 1991) e *S. Frei G.d.S. e a sua época* (Museu Municipal de Santarém, 1997).

¹⁹ Ed., trad. e estudo por Rosa KUHNE, "El *Sirr šinā'at al-ṭibb* de Abū Bakr Muḥammad b. Zakariyyā al-Rāzī", *Al-Qanṭara* 3 (1982), pp. 347-414; 5 (1984), pp. 235-292; 6 (1985), pp. 369-395.

²⁰ Sobre o autor e a sua obra, cuja transmissão latina comporta falhas e confusões, ver a mais recente *mise au point* de Raymond LE COZ, *Les médecins nestoriens au Moyen Âge: les maîtres des Arabes* (Paris, 2004), pp. 127-147. A tradução latina de Gil de Santarém, com o original árabe e uma trad. francesa, editada por Danielle JACQUART e Gérard TROUPEAU: Yūḥannā ibn Māsawayh, *Le Livre des axiomes*

Há que esclarecer melhor, na biografia da nossa personagem, a sua passagem e formação em S. Cruz de Coimbra, nomeadamente se será mesmo ali que iniciara as suas traduções. Também quais são os contornos concretos do propósito do superior dominicano D. Frei Sueiro Gomes de estabelecer em Santarém, sob a direcção do próprio Frei Gil, uma escola de tradutores semelhante à de Toledo. Ambas as questões reforçariam os indícios, atrás listados, da existência no país, e naquela época, de gente conhecedora do árabe ao ponto de poderem ler e traduzir obras científicas nesta língua.²²

Afonso Diniz de Lisboa, Bispo de Évora (m. 1352)

Trata-se de um bastardo da família real portuguesa, talvez filho ilegítimo de D. Dinis. Foi protegido por D. Afonso IV, de que chegou a ser secretário e médico pessoal. Cónego da Sé de Lisboa em 1342, tornou-se Bispo de Idanha-*Egitania* em 1346 e, um ano mais tarde, Bispo de Évora.²³

Depois de estudos de letras e de medicina em Paris, ensina o *Canon* de Avicena em 1330, ainda antes de se licenciar em medicina em 1332. Estuda também teologia e ensina, de seguida, as famosas *Sentenças* de Pedro Lombardo, de que teria redigido um *Comentário*. Entretanto, traduzira em Valladolid, com a ajuda de um converso judeu – talvez o conhecido Abner de Burgos (1270-1350) – um tratado anti-aviceniano de Averróis com o título de *Tractatus Averrois de separatione primi principii*, recentemente editado e traduzido.²⁴

* * *

médicaux (Genève, 1980). Trad. castelhana por Camilo ÁLVAREZ DE MORALES, *Awraq* 4 (1981), pp. 113-129.

²¹ Parece que está a ser preparada a edição da versão portuguesa conservada na Biblioteca Pública de Évora em dois códices: CV/2-5 e CXXI/2-19.

²² Ver, com certa reserva, a contribuição de José Custódio, no catálogo de exposição supra citado (n. 18), pp. 32a-35b.

²³ Cf. J.F. MEIRINHOS, “Ecos da renovação filosófica do século XII em Portugal no tempo de Afonso Henriques”, in *2º Congresso Histórico de Guimarães...*, IV, p. 164, n. 56, e o trabalho citado na nota seguinte – ambos com referências bibliográficas complementares.

²⁴ Carlos STEEL – Guy GULDENTOPS, “An Unknown Treatise of Averroes against the Avicennians on the First Cause – Edited and translated”, *Recherches de Théologie et de Philosophie Médiévales / Forschungen zur Theologie und Philosophie des M.A.* 64 (1997), pp. 86-135.

Vemos afinal, ao contrário do que se poderia pensar,²⁵ que a cultura “moçárabe” lusa não fora tão indigente que até aqui parecia. Talvez tivesse sido apenas abafada pela corrente franco-romana que se conseguiu impor em toda a linha²⁶ e que a investigação nacional portuguesa não foi ainda capaz de a redimir à semelhança do que fez a sua congénere espanhola. Resta tentar desencantá-la e dar-lhe o lugar que merece, inclusive no quadro geral do movimento das traduções medievais do legado científico-filosófico árabe.

²⁵ Ver entre outros a observação de J.F. MEIRINHOS (“Ecos da renovação filosófica do século XII em Portugal no tempo de Afonso Henriques”, in *2º Congresso Histórico de Guimarães...*, IV, p. 168 *fine*) quanto à continuidade cultural científico-arabística a seguir a João de Sevilha e Lima.

²⁶ O assunto é bem conhecido, ver os recentes trabalhos assinalados no *Anexo*: PRADALIÉ, G. (1987), FERNANDES, P. (2003) e FERNANDES F. (s/d.).

ANEXO

Bibliografia luso-moçarabista recente (1980-2004)²⁷

- 1980 SANTOS, Maria José de Moura, “Importação lexical e estruturação semântica: os arabismos na língua portuguesa”, *Biblos* 56 (1980), pp. 537-598 (Coimbra).
- 1980 PIEL, Joseph M., “Beiträge zur Kenntnis der toponymischen Mozarabismen Südportugals (Alfragide, Alferrarede, Alpertuche u. a.)”, in: H.D. BORK *et al.* (eds.), *Romanica Europæa et Americana. Festschrift für Harri Meier* (Bona, 1980), pp. 437-442.
- 1981 PIEL, Joseph M., “Sobre a origem do nome do mosteiro de Lorvão”, *Biblos* 57 (1981), pp. 167-170 (Coimbra). [Volume de Homenagem a M. Paiva Boléo].
- 1981 CINTRA, L.F. Lindley, “Griseu: um moçarabismo algarvio”, *Biblos* 57 (1981), pp. 65-71. [Reed. in L.F. Lindley CINTRA, *Estudos de dialectologia portuguesa* (Lisboa: Sá da Costa, 1983), pp. 107-116].
- 1982 DURAND, Robert, *Les campagnes portugaises entre Douro et Tâge aux XIIe et XIIIe siècles* (Paris: Fundação C. Gulbenkian / Centro Cultural Português, 1982). [Referências difusas à população moçárabe].
- 1983 LOSA, António, “A moeda entre os moçárabes nos séculos X e XI (Segundo o *Liber Testamentorum* de Lorvão)”, *Revista de Guimarães* 93 (1983), pp. 219-229. [Vol. de Actas do IV Encontro de Numismatas na Sociedade Martins Sarmiento em Guimarães].
- 1984 LOSA, António, “The money among the Mozarabs of Portuguese territory (Data obtained from the *Livro Preto* of the See of Coimbra)”, in: Mário GOMES MARQUES (ed.), *Problems of Medieval Coinage in the Iberian Area. An International Symposium* (Santarém: Instituto Politécnico de Santarém, 1984), pp. 283-294.

²⁷ Não cheguei a consultar todos os trabalhos aqui referidos.

- 1985 MATTOSO, José, “Os moçárabes”, *Revista Lusitana*, n.s., 6 (1985), pp. 5-24. Lisboa. [Reed. in: IDEM, *Fragmentos de uma composição medieval* (Lisboa: Editorial Estampa, ¹1987, ²1993), pp. 19-34].
- 1985 REAL, Luís Manuel, *Pousada de Santa Marinha [em Guimarães]*. «Boletim» 130 (Lisboa: Direcção-Geral dos Edifícios e Monumentos Nacionais, 1985). [Originalmente um mosteiro medieval, com uma igreja e uma torre de origem moçárabe].
- 1986 ALMEIDA, Carlos Alberto Ferreira de, “Arte Moçárabe e da Reconquista”, in: *História da Arte em Portugal*. Vol. 2: *A Arte da Alta Idade Média* (Lisboa: Alfa, 1986), pp. 95-146. [Reed. em 1993].
- 1986 LOSA, António, “Moçárabes em território português nos séculos X e XI: contribuição para o estudo da antroponímia no *Liber Testamentorum* de Lorvão”, in: Adel SIDARUS (ed.), *Islão e arabismo na Península Ibérica. Actas do XI Congresso da União Europeia de Arabistas e Islamólogos. Évora, Set.-Out. 1982* (Évora: Universidade, 1986), pp. 273-289 + est. I-III. [Publ. tb. in: IDEM, *Islão e arabismo em terra lusitana: contribuições portuguesas para o XI Congresso...* (Évora, 1986), pp. 39-55].
- 1986 SERRA, Pedro Cunha, “Alguns aspectos da toponímia lamecense”, *Anais* (da Academia Portuguesa de História) II série, 31 (1986), pp. 11-20. (Lisboa). [Lamecum/Lamego é terra de moçárabes].
- 1987 PRADALIÉ, Gérard, “Du Portugal mozarabe au Portugal romanisé: l'exemple de Coimbre”, in: *Histoire du Portugal, Histoire européenne. Actes du Colloque. Paris, 22-23 mai 1986* (Paris: Fondation Calouste Gulbenkian / Centre Culturel Portugais, 1987), pp. 15-17.
- 1988 COELHO, Maria Helena da Cruz, *O Mosteiro de Arouca do século X ao XIII* (Arouca: Câmara Municipal, ²1988). [1^a ed., Coimbra: Centro de História da Universidade, 1977.– Mosteiro de fundação moçárabe].
- 1990 AA. VV., *Moçárabe em peregrinação a S. Vicente. De Mértola ao Cabo de S. Vicente*. Coord. geral de José Sousa

- MACHADO; dir. artística de António Perestrelo de MATOS. «Projecto Sete itinerários medievais» (Lisboa: Associação Caminus, 1990).
- 1990 PICARD, Christophe, “Quelques aspects des relations entre chrétiens et musulmans dans les zones de confins du Nord-ouest de la Péninsule ibérique (IXe-XIe siècles)”, in: *Études d’histoire* (Saint-Étienne: Université, 1990), pp. 5-26.
- 1992 PICARD, Christophe, “Les mozarabes dans l’Occident ibérique”, *Revue des Études Islamiques* 51 (1983), pp. 77-88. (Paris). [Publ. mesmo em 1992].
- 1992 PICARD, Christophe, “Minorités religieuses et pouvoirs au Portugal: mozarabes e mudéjars à Lisbonne et Santarém”, in: *Maisons de Dieu et Hommes d’Église* (Saint-Étienne: Université, 1992), pp. 165-178.
- 1992 FERREIRA, Manuela Barros, “Vestígios do romance moçárabico em Portugal”, *Arqueologia Medieval* 1 (1992), pp. 217-228. (Mértola e Porto).
- 1993 CARDOSO, A. Brito, “Coimbra após a segunda Reconquista: a Escola da Catedral”, *Munda* 26 (1993), pp. 59-68. (Coimbra).
- 1993 HALL, Tarquínio, “Igreja moçárabica de Lourosa”, *Munda* 26 (1993), pp. 47-50. (Coimbra).
- 1994 AZEVEDO, Maria Luísa Seabra Marques de, *Toponímia moçárabe em Portugal* (Coimbra: Faculdade de Letras da Universidade, 1994). [Tese de mestrado inédita].²⁸
- 1995 PICARD, Christophe, “Sanctuaires et pèlerinages chrétiens en terre musulmane: l’Occident de l’Andalus (Xe-XIIe siècles)”, in: *Pèlerinages et croisades. 118^e Congrès des Sociétés Savantes – Pau, 1993* (Paris: C.T.H.S., 1995), pp. 235-247.

²⁸ Foi atribuído a este trabalho o *Grande Prémio Internacional de Linguística da Sociedade da Língua Portuguesa / Luís Filipe Lindley Cintra, 1994*. A autora está a ultimar uma dissertação de doutoramento sobre o antigo condado de Coimbra e os seus moçarabismos geográficos, i.e., restringindo ao mesmo tempo que aprofundando a matéria tratada na tese de mestrado.

- 1995 REAL, Manuel Luís, “Inovação e resistência: dados recentes sobre a antiguidade cristã no Ocidente Peninsular”, in: *IV Reunió d’Arqueologia Cristiana Hispànica (Lisboa, 1992)*. «Monografies de la Secció Històrico-Arqueològica» 4 (Barcelona: Institut d’Estudis Catalans, 1995), pp. 17-68. [Trata predominantemente de moçarabismo].
- 1996 GOMES, Saul António, “Grupos étnico-religiosos e estrangeiros – Moçárabes”, in: Maria Helena da Cruz COELHO / Armando Luís de Carvalho HOMEM (coords.), *Portugal em definição de fronteiras (1096-1325)*. «Nova História de Portugal» 3 (Lisboa: Editorial Presença, 1996), pp. 340-347.
- 1996/97 SANTOS, Maria José de Moura, “Cultismos ou moçarabismos?”, *Revista Portuguesa de Filologia*, 21 (1996-97), pp. 537-598. (Coimbra).
- 1997 LOSA, António, “O desabrochar duma nacionalidade: retalhos de herança árabe e moçárabe”, in: *2º Congresso Histórico de Guimarães (D. Afonso Henriques e a sua época). Actas do Congresso* (Guimarães: Câmara Municipal e Universidade do Minho, 1997), III, pp. 255-273.
- 1997 AZEVEDO, Maria Luísa Seabra Marques de, “Traços moçárabes nos nossos nomes de lugar”, *Língua e Cultura* II sér., 3-4 (1997), pp. 23-40. (Lisboa).
- 1998 AZEVEDO, Maria Luísa Seabra Marques de – Recensão crítica de: Federico CORRIENTE, *Poesía Dialectal Árabe y Romance en Alandalús* (Madrid: Gredos, 1997), *Revista Portuguesa de Filologia*, 22 (1998), pp. 422-427. (Coimbra).
- 1998 REAL, Manuel Luís, “Os moçárabes de Gharb português”, in: *Portugal islâmico. Os últimos sinais do Mediterrâneo* (Lisboa: Museu Nacional de Arqueologia, 1998), pp. 35-56. [Abordagem predominantemente artística e arqueológica].
- 1999 *Livro Preto: cartulário da Sé de Coimbra*. Ed. sob a direcção de Augusto Manuel RODRIGUES e Avelino de

- Jesus da COSTA (Coimbra: Arquivo da Universidade, 1999).
- 1999 MATOS, José Luís, *Lisboa islâmica* (Lisboa: Instituto Camões, 1999). [Publ. bilingue, port. e árabe; múltiplas referências a espaços e edifícios moçárabes].
- 1999 PICARD, Christophe, “La mémoire religieuse des lieux: des cultes chrétiens aux cultes musulmans sur les rivages d’al-Andalus”, in: *Faire Mémoire. Souvenir et commémoration au Moyen Âge* (Aix-en-Provence: Université de Provence, 1999), pp. 259-275.
- 2000 PICARD, Christophe, “Les chrétiens mozarabes: encadrement religieux et déclin. (L’exemple du Gharb al-Andalus)”, in: H. BRESCH / C. VEAUUVY (dir.), *Mutations d’identités en Méditerranée. Moyen Âge et époque contemporaine* (Paris: Bouchène, 2000), pp. 97-110.
- 2000 REAL, Manuel Luís, “Portugal: cultura visigoda e cultura moçárabe”, in: L. CABALLERO ZOREDA / P. MATEOS CRUZ (eds.), *Visigodos y Omeyas: un debate entre la Antigüedad tardía y la alta Edad Media. Actas (Simpósio de Mérida, Abril 1999)*. «Anejos del Archivo Español de Arqueología» 23 (Madrid: CSIC e Consorcio de la Ciudad Monumental de Mérida, 2000), pp. 21-75. [Especial relevo para a arte e a arqueologia].
- 2000 LAVAJO, Joaquim Chorão, “Os moçárabes portugueses”, in: *História Religiosa de Portugal* (Lisboa: Círculo de Leitores, 2000), I, pp. 92-102.
- 2000 SIDARUS, Adel *et al.*, “Bibliografia crítica de Arte e Arqueologia islâmica (até 1990)”, *O Arqueólogo Português* IV sér., 18 (2000), pp. 141-199. (Lisboa). [Inclui a arte moçárabe].
- 2001 PICARD, Christophe, “Les mozarabes de Lisbonne: le problème de l’assimilation et de la conversion des chrétiens sous domination musulmane à la lumière de l’exemple de Lisbonne”, *Arqueologia Medieval*, 7 (2001), pp. 89-94. (Mértola e Porto).
- 2001 BARROS, Maria Filomena Lopes de, “Moçárabes”, in: *Dicionário de História Religiosa de Portugal* (Lisboa:

- Círculo de Leitores & Universidade Católica Portuguesa, 2001), vol. J-P, pp. 246-249.
- 2001 FERNANDES, Paulo Manuel Almeida, *A Mesquita-Catedral de Idanha-a-Velha* (Lisboa: Centro de Ciência das Religiões / Univ. Lusófona de Humanidades e Tecnologias, 2001). [Claros elementos moçárabes até aqui ignorados].
- 2002 FERNANDES, Paulo Manuel Almeida, *A Igreja pré-românica de São Pedro de Lourosa* (Lisboa: Fac. de Letras da Univ. de Lisboa, 2002). [Tese de mestrado inédita.– Até agora o expoente máximo da arte moçárabe em Portugal, o autor chega à conclusão de que é antes do tipo asturiano].
- 2002 FERNANDES, Paulo Manuel Almeida, “O *ajimez* moçárabe reaproveitado no castelo de Soure”, in: *Actas do Simpósio Internacional sobre Castelos. Mil anos de fortificações na Península Ibérica e no Magrebe, 500-1500* (Palmela: Câmara Municipal e Edições Colibri, 2002), pp. 796-801.
- 2002 MOLÉNAT, Jean-Pierre, “Chrétien d’al-Andalus et Omeyyades (VIII^e-XI^e siècles)”, in: José Luis DEL PINO (ed.), *Al-Andalus omeya* (Córdoba: Fundación Prasa, 2002), pp. 53-65. [Inclui elementos sobre moçarabismo português].
- 2003 FERNANDES, Paulo Manuel Almeida, “A marginalidade do lado cristão: o breve exemplo dos moçárabes de Lisboa”, in: Luís Adão da FONSECA *et al.* (eds.), *Os reinos ibéricos na Idade Média – Homenagem ao Professor Doutor Humberto Baquero Moreno* (Porto: Livraria Civilização Editora, 2003), III, pp. 1231-1237.
- 2004 MOLÉNAT, Jean-Pierre, “Mozarabes et mudéjars du Gharb al-Andalus devant la conquête chrétienne”, in: T. JÚDICE GAMITO (ed.), *Portugal, Espanha e Marrocos – O Mediterrâneo e o Atlântico. Actas do Colóquio Internacional, Univ. do Algarve, Nov. 2000* (Faro: CCAIMed/Univ. do Algarve, 2004), pp. 207-212.
- 2004 MOLÉNAT, Jean-Pierre, “Los mozárabes entre al-Andalus e el Norte peninsular”, in: A. VACA LORENZO (ed.), *Minorías y migraciones en la Historia. XV Jornadas de*

Estudios Históricos (Salamanca: Universidad, 2004), pp. 11-24. [Inclui territórios tornados “portugueses”].

s/d. FERNANDES, Fabiano, “A cidade de Coimbra no contexto dos conflitos entre cristãos nortenhos e moçárabes. Séculos XI-XII” = www.revistatemalivre.com/fabiano02.html.²⁹

²⁹ Ver também no âmbito da musicologia o CD *Moçárabe*, do Ensemble Moçárabe – Música Medieval, concepção e direcção de Eduardo RAMOS, ed. de Musicália, 2001 (cf. www.betokalulu.com/ramos.htm).